



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



RELATO DE EXPERIÊNCIA

EDUCOMUNICAÇÃO EM TERRITÓRIO DE REFÚGIO: NOTAS DE UM PROGRAMA DE EXTENSÃO PARCEIRO DO PBMIH

Juliana Caroline Levandovski; julianalevandovs@ufpr.br

Natali dos Santos Slusarz Schovarts; natali.schovarts@ufpr.br (coautora)

João Gabriel Nunes Cordeiro; gabrieljoao@ufpr.br (coautor)

Isabelle Oliveira Hoffmann; isabelle.hoffmann@ufpr.br (coautora)

Julio Gabriel Chmik de Castro; julio.schmik@ufpr.br (coautor)

José Carlos Fernandes; zeca@ufpr.br (orientador)

RESUMO

Desde 2014, o programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), atua junto a migrantes, refugiados e destinatários de ajuda humanitária. Nessa mais de uma década, o projeto passou por várias fases, com diferentes parceiros, até se firmar ao lado do programa Português Brasileiro para Migração humanitária, também da UFPR. Em meio às aulas para até 700 alunos, com objetivo de preparar os migrantes para a proficiência em Língua Portuguesa, o Ncep desenvolve, paralelo, estratégias de educomunicação junto a crianças e adolescentes, filhos e filhas dos refugiados. O que segue é um recorte pessoal sobre o saldo dessa experiência, cujo impacto na formação dos estudantes de Jornalismo e de Relações Públicas é notável.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; Refúgio; Migrações contemporâneas; PBMIH; inclusão.

1. INTRODUÇÃO

As ações do programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (Decom-UFPR), junto aos refugiados, se deram (e se dão) no movimento de sobe e desce de uma montanha russa. Nas reuniões internas obrigatórias, às quintas-feiras – feitas numa salinha com rachaduras na parede, à moda do seriado *That '70 Show* e a



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



galáxias de parecer ao metro quadrado mais caro da cidade, o bairro do Cabral, do qual o núcleo é inquilino – sempre damos risadas lembrando que a gente continuou no “refúgio”, como chamamos o projeto, por pura teimosia.

Nem sempre é simples fazer os parceiros externos – atores que trabalham com migrantes, refugiados, destinatários de ajuda humanitária – entenderem de que apesar de reunirmos extensionistas de Comunicação (Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda) nós não fazemos assessoria de imprensa, não produzimos documentário por encomenda, nem escrevemos releases sobre eventos, entre outras tarefas que parecem nos servir como uma luva. Nosso lugar no mapa é a educomunicação, uma teórico-prática brasileiríssima, com raízes em Paulo Freire (2021), caules em bambas como Ismar de Oliveira Soares (2014, 2021) e galhos latino-americanos em Orozco-Gomez (2014), para citar alguns dos autores ocupados de brincar esse lego entre educação e comunicação.

Mesmo assim, entre tropeços teóricos e práticos (Gonçalves, Quimelli, 2016), conseguimos escrever um currículo mínimo no cenário do refúgio e dizer que, sim, o Ncep atua nesse campo, que pensa a respeito, e que sustenta o tripé ensino, pesquisa, extensão (Citelli, 2017). Lá se vão 12 anos nessa lida. Em 2014, engatinhando, os extensionistas do Ncep começaram a atuar junto à Casa Latino-Americana, a Casla. Foi nossa primeira escola, ao lado da família Floriani, digna dos melhores créditos. Dali saltamos, em 2016, para a hoje extinta Secretaria Municipal Extraordinária de Direitos Humanos, na qual atuamos de braço dado com o ativista Igo Martini – hoje a serviço da ONU, nas fronteiras com a Venezuela – e com o indigenista Ubirajara Zoccoli, em plena gestão do prefeito Gustavo Fruet.

Achávamos ter encontrado um norte, ao lado de gente boa da melhor qualidade, na qual incluímos a educadora Ciomara Amorelli, da Secretaria Municipal de Educação. Ela mantinha um programa de aulas noturnas – sobretudo para haitianos – em escolas municipais dos bairros Cajuru e Boqueirão. Durante um ano, a Kombi da UFPR, com



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



lotação completa de estudantes, circulou por colégios da periferia assistidos por Amorelli e que abrigavam turmas noturnas para refugiados. Na ocasião, fez-se o que cabe à extensão: extensionistas ouviram e conviveram com os migrantes que aprendiam português e lutavam pelo pão de cada dia, detalhe não menos importante. Lá nas “franjas” da cidade, a segregação habitacional, educacional e financeira dos refugiados se mostrava mais gritante.

Do período resultaram vídeos, pesquisas e uma espécie de clipe com a música do Martinho da Vila: “Canta, canta, minha gente, que a vida vai melhorar”. Causou emoção ver os haitianos, sobretudo, explorando o sentido dessa letra. Com o fim da gestão do prefeito Gustavo Fruet (PDT), foi um verdadeiro “E o vento levou”. Essas e outras iniciativas viraram poeira – e o Ncep voltou à estaca zero, mas com a na decisão irrevogável e inegociável de atuar junto aos refugiados.

Restou-nos bater nas portas e insistir na premissa de que o trabalho de refúgio, para render, tinha de ser em rede (Saviani, 2013). Um novo capítulo se iniciou com a parceria dos educadores do Ncep junto ao programa Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), na própria Universidade Federal do Paraná (UFPR). Não foi um caminho com pedrinhas de brilhantes. A soma de variantes para manter respirando um projeto ou programa de extensão desafia a estatística. Valia para o PBMIH, valia para nós, valia para todo mundo que defendia a importância pedagógica do processo batizado de “porta giratória” – ou seja, cada encontro com os alunos tinha de se resolver numa única aula, sem próximos capítulos, de modo a não inibir os faltantes, sem dinheiro para a condução, de virem aos encontros seguintes. Acrescentasse uma razão prática às dificuldades: durante um bom tempo o PBMIH oferecia aulas aos sábados à tarde, horário inglório quando a tarefa é atrair estudantes interessantes e interessados. Foi uma lenha, mas o Ncep conseguiu formar uma equipe.

Mesmo assim, a corda esticou umas tantas vezes. É da vida. À revelia de estar munido de flagrante boa vontade, o Ncep se viu dispensado mais de uma vez por quem



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



comandava o projeto maior, mas a gente nunca aceitou que nos dessem as contas. E dá-lhe nova reunião marcada na Casa das Bolachas, ali do lado da Reitoria da UFPR. Cartas à mesa, manifestamos aqui e ali o desejo de permanecer, fizemos propostas, discursamos a favor da educomunicação, sem deixar de reconhecer nossas falhas e, claro, considerar as dificuldades latentes do PBMIH. Não há nada igual na universidade: reúne gente de tantos cursos diferentes da UFPR. Sábado de manhã ou a tarde, quando o programa entra em cena, a educação cidadã se concretiza. É bonito de ver.

2. METODOLOGIA: UM MINIFÚNDIO EDUCOMUNICATIVO

Nossa participação no grande PBMIH – que envolve cinco graduações diferentes – é pequenina. Temos consciência do nosso minifúndio. É desse lugar que, a cada rodada, assistimos à força da ação dos professores e estudantes de Letras, Pedagogia, Direito e Psicologia... PBMIH é oceano. O desejo de fazer parte aumenta a cada estação, assim como a gana de não deixar o projeto que o Ncep oferece baixar a guarda. Quando do nosso lado da história – na tal salinha do Ncep – alguém pergunta se não é hora de virar essa página, partir para outras frentes, a resposta é sempre “nem pensar”. Porque é um grande aprendizado ser um dos satélites do PBMIH. E porque não tem como ser um programa de extensão sem reservar um dos braços de deusa hindu para atuar junto a refugiados. Se não for em parceria com a UFPR, tem de ser em outro lugar, pois hospitalidade, fronteiras, migrações desafiam o ser e o estar contemporâneo (Gois, 2022).

Como esse texto é para “arquivar”, um pouco do que foi construído na nossa rede ao longo de uma década e pouquinho de o refúgio e nós, resta-nos fazer algumas escolhas, no estilo “melhores momentos”. Foi muito importante ter participado da revista TOM, da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec), em edição dedicada ao refúgio (2018). Reportar a gastronomia dos povos do PBMIH ajudou a turma da



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



extensão a se livrar da sinistrose que nos acompanha, qual uma mania. Sim, existem outros assuntos em torno dos migrantes que não terremotos, maremotos, epidemias e ditaduras. E os refugiados querem, como se dizia, virar o disco. Tão bacana quanto foi ter baixado a guarda da direção do projeto PBMIH, logo em seguida à revista, e feito uma página da internet, mostrando quem eram os professores e estudantes que a cada fim de semana punham para funcionar, como uma locomotiva, uma espécie de escola quase clandestina nas dependências do Edifício D. Pedro II da UFPR.

Em tempo, aprendemos muito com os fracassos – as oficinas de fotografia que não aconteceram são um exemplo, posto que teimamos mais de uma vez em não entender o pragmatismo de homens e mulheres refugiados que vivem debaixo dos imperativos da sobrevivência. Tivemos de quebrar a cabeça até encontrar um ponto de intersecção entre o desejo dos estudantes de português para migrantes e os nossos pensamentos ideais (Birman, 2023). E valham-me-deuses, os dedos se tocaram em plena pandemia, quando para todo mundo, todo cuidado era pouco, o que dizer para aquelas famílias que viviam em periferias insalubres, numa Curitiba perto de zero grau, sem empregos, com escolas fechadas para deixar os filhos? Nesse cenário de fim de mundo nasceu o projeto “Ponte de Palavras”, simples de tudo, como se diz.

3. PONTE DAS PALAVRAS

Aos fatos. Durante a pandemia, quando a turma do PBMIH fazia a mediação na distribuição de cestas básicas para as famílias dos refugiados, acompanhados pelo programa, o Ncep elaborava cartas multicoloridas, escritas pelas extensionistas às mulheres haitianas, venezuelanas, cubanas... Lembre-se que não havia whats que desse conta dessa comunicação difícil, ainda mais naquelas tenebrosas circunstâncias. Os celulares dos alunos do PBMIH eram limitados e coletivos. Missão impossível mandar um vídeo sobre como se proteger da Covid para um morador da ocupação Meia Lua, no Boqueirão, por exemplo. Já uma carta bem bonita, colocada junto ao saco de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



arroz e de feijão, destinada às provedoras, ah, chegava ao destinatário e causava impressão. Sabemos por testemunhos que foi assim, que uma pá de gente não se sentiu tão sozinha no deserto da vida ao abrir esses envelopes. O “Ponte de Palavras” se tornou objeto de pesquisa do primeiro artigo que o Ncep escreveu sobre sua ação junto a refugiados, apresentado no Congresso das Ciências da Comunicação (Intercom Sul), de 2022¹. Escrever sobre o trabalho do núcleo junto a refugiados virou regra. Assunto, não faltou.

Nem sempre ao céu, nem sempre à terra, com participações mais ou menos luminosas, mas sem dar chance para a desistência, as práticas da educomunicação continuaram a fazer parte do menu do PBMIH, por meio da nossa turminha. Durante um período escolar determinado, a cada semana os extensionistas do núcleo ofereciam conteúdo audiovisual para serem projetados em salas do refúgio, nas aulas agora aos sábados pela manhã. Os modestos estúdios do Departamento de Comunicação da UFPR serviram de espaço para a produção de aulas sobre como dar “bom dia”, como se informar sobre o sistema de transportes ou dicas de como agir na hora das compras. A série não durou tanto quanto esperávamos, afinal os abismos sobre a coloquialidade da comunicação – matéria prima desses vídeos – e a formalidade educacional não saíram para passear de maneira tão amigável como se esperava. Mais um novo fim de ciclo se anunciava, abrindo alas para outros: o da produção audiovisual com as crianças e adolescentes que acompanham seus pais às aulas do PBMIH.

A reivindicação de atuar de alguma forma junto a esse público vem da pré-história das relações entre o Ncep e o PBMIH. A “sala dos pequenos”, aos sábados, sempre existiu; e distrair esses meninos e meninas longa jornada, manhã ou tarde adentro,

¹ MELLO, Francisco Camolezi et. Al. 'Ponte de palavras': práticas de hospitalidade junto à população refugiada em tempos de pandemia. **XIX Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação - Intercom Sul**. Balneário Camboriú, SC, 2022. Disponível: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2022/resumo/052920221906056293ee4d47e1f.pdf>



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



sempre esteve longe de ser brincadeira de criança. Mesmo havendo demanda para tanto trabalho, parece que sempre ficamos pouco cotados para a tarefa de educadores infantis e não muito confiáveis como produtores de conhecimento junto a esse público, digamos, em disputa. Tudo compreensível. Até o momento em que – no ano de 2025, mais de uma década depois que essa saga começou – a equipe do Ncep ganhou aval para mostrar que a turminha do barulho, com perdão ao termo antiquado, tem uma ideia na cabeça e um celular na mão.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis é o “estado da arte” sobre um dos programas e projetos de extensão que faz fronteiras com o PBMH. Parte dessa experiência está relatada no já citado artigo sobre a ação intitulada “Ponte de Palavras”; outra no balanço geral de nossas ações apresentada no Seminário de Extensão da Região Sul, o Seurs, em 2024². Por fim, em 2025, os estudantes que assinam esse relato de experiência fizeram uma enquete com ex-extensionistas que atuaram no Ncep e no PBMH³. Ao todo, 25 extensionistas do Departamento de Comunicação participaram do projeto, sendo que seis responderam ao questionário com 12 questões. São hoje profissionais de imprensa em sua maioria e atestam o quanto terem se aproximado do drama dos refugiados, quando estudantes, pautou a vida profissional na imprensa, em específico, atçando a sensibilidade geopolítica, convertida em horizonte de preocupação, estudo e atuação (Buckingham,

² FAVARETTO, Beatriz D. PRADO, Luíza Y. FERNANDES, J.C. Manhã de sábado com refugiados: dez anos de educomunicação na divisa das fronteiras. **Anais do 42.º Seminário de Extensão da Região Sul**. Porto Alegre, UFRGS, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/seurs42/wp-content/uploads/2024/10/Anais-SEURS42-final.pdf>

³ LEVANDOVSKI, Juliana C. et al. Educomunicação e refúgio: uma década de formação de comunicadores nas fronteiras. **Anais do 48.º Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação - Intercom**. Vitória, ES, 2025. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/23/07082025151900686d61146f58b.pdf>



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



2022). O que esses egressos disseram, como não, serviu para atizar nossa teimosia em continuar, o tempo que a vida e a história assim nos pedirem. Não sabemos se nossa participação mudou a vida de gente de tantas nações – ainda queremos descobrir. Mas é um refresco ter um indicativo de que os extensionistas seguem pautando a migração, pois em se tratando desse tema, silenciar não é permitido (hooks, 2017).

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 6.^a ed. Ampliada. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2023.

BUCKINGHAM, David. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.

CITELLI, Adílson (org.). **Educomunicação**: comunicação e educação – os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia**: novos diálogos sobre educação. 2.^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GOIS, Antônio. **O ponto a que chegamos**: duzentos anos de atraso educacional e seu impacto nas políticas do presente. Rio de Janeiro: FGV, 2022.

GONÇALVES, Nádia G. QUIMELLI, Gisele A. S. **Princípios da extensão universitária**: contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Editora CRV, 2016.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação**: recepção midiática, aprendizagem e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11.^a ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos. In: APARICI, Roberto (org.). **Educomunicação**: para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação.** Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis: Vozes, 2014.